



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS - CIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

HEVERSON SOUZA DOS SANTOS

**ENTRE A BREVE IMORTALIDADE E A EXISTÊNCIA MORIBUNDA: UMA
LEITURA SOBRE AS *INTERMITÊNCIAS DA MORTE* DE JOSÉ SARAMAGO**

**CAMPINA GRANDE
2018**

HEVERSON SOUZA DOS SANTOS

**ENTRE A BREVE IMORTALIDADE E A EXISTÊNCIA MORIBUNDA: UMA
LEITURA SOBRE AS *INTERMITÊNCIAS DA MORTE* DE JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de conclusão de curso de Graduação
em Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Prof. Dra. Kalina Naro Guimarães.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Heverson Souza dos.

Entre a breve imortalidade e a existência moribunda [manuscrito] : uma leitura sobre as intermitências da morte de José Saramago / Heverson Souza dos Santos. - 2018.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Análise literária . 2. Literatura portuguesa. 3. Romance. 4. Medo . 5. Morte. 6. Filosofia.

21. ed. CDD 801.95

HEVERSON SOUZA DOS SANTOS

ENTRE A BREVE IMORTALIDADE E A EXISTÊNCIA MORIBUNDA: UMA LEITURA
SOBRE AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de conclusão de curso de Graduação
em Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras Português.

Aprovado em: 06/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Kalina Naro Guimarães (9,0)
Prof. Dra. Kalina Naro Guimarães (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba

Anacá Rupert Moreira Cruz Costa Agra (9,0)
Prof. Dr. Anacá Rupert Moreira Cruz Costa Agra
Universidade Estadual da Paraíba

Marcelle Ventura Carvalho (9,0)
Prof. Ma. Marcelle Ventura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo eterno ensinamento de vida.

Ao professor Edson Tavares, pela oportunidade de conhecer este romance através da disciplina Literatura Portuguesa II.

À minha orientadora e amiga Kalina Naro, pela infindável paciência e valoroso carinho.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e força nas horas mais árduas.

Ao curso de Letras, pelo incentivo ao autoconhecimento e amadurecimento acadêmico e pessoal.

SUMÁRIO

PERSPECTIVAS SOBRE AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE.....	06
DA NATURALIDADE AO PAVOR DIANTE DA MORTE.....	08
AUSÊNCIA DA MORTE E CAOS.....	10
VONTADE DE MORRER.....	12
REGRESSO E CARTAS VIOLETAS.....	14
EROS E THANATOS.....	16
PALAVRAS FINAIS.....	18
ABSTRACT.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

ENTRE A BREVE IMORTALIDADE E A EXISTÊNCIA MORIBUNDA: UMA LEITURA SOBRE AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE DE JOSÉ SARAMAGO

Heverson Souza dos Santos¹

RESUMO

A morte, por meio de diversas representações, sempre esteve presente no percurso histórico da Humanidade, envolvendo, deste modo, um arcabouço de ideias filosóficas, religiosas e científicas sobre o assunto. O presente artigo tem como objetivo analisar o livro “As Intermittências da Morte”, de José Saramago (2005), com o fim de discutir sobre o medo da morte, mas também compreender o modo como as personagens do romance em questão lidam com a sua ausência, em um mundo onde a morte, ao menos temporariamente, decide não matar. Somado a isso, analisou-se como os discursos das instâncias de poder agem para controlar a população, seja utilizando-se do pavor da morte, seja, na ausência dela, acionando outras estratégias para manter este controle. Quanto à base teórica, para debater o tema da morte, o trabalho baseou-se em Epicuro (2016), Platão (2016), Wolff (2007), Ariès (2012). No que se refere ao poder do discurso, buscou-se fundamentação em Foucault (2012). Ao final da análise, constata-se como as instituições fazem uso do discurso sobre a morte para alienar as pessoas e subjugar-las ideologicamente, assim como observa-se também uma perspectiva mitológica sobre a relação entre Eros e Thanatos, percebida na obra através das personagens do violoncelista e da morte, respectivamente.

Palavras-chave: Medo; Morte; Filosofia; José Saramago.

PERSPECTIVAS SOBRE AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

Nascido num seio familiar de camponeses sem terra em 1922, José de Sousa Saramago teve uma infância humilde e, assim, sem condições financeiras para os estudos; seu pai o levou a uma escola técnica para tornar-se mecânico. Após diversos empregos, teve seu primeiro romance publicado, *Terra do pecado*, em 1947. Depois de vários anos em hiato, outra publicação só aconteceria novamente em 1966, com *Os poemas possíveis*. Seus livros são construídos por

¹ Aluno de Licenciatura Plena em Letras – Português, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: heversonsouza91@gmail.com

uma escrita ácida que aborda a moralidade humana. Enquanto critica o alienamento da população, como em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), e a religião, visto em *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), cobre-os por uma sutil ironia, “não daquela ironia que faz rir por ser também engraçado. Saramago utiliza a ironia para fazer doer a quem lê, de modo que se identifique ou reconheça a denúncia que ele quer realizar” (HECK, 2015, p.22).

Publicado em 2005, *As intermitências da morte* narra um acontecimento extraordinário: as pessoas deixam de morrer em um país sem nome. Nessa obra, observamos como as pessoas e o governo lidam com a repentina libertação da morte, vista a princípio como um presente divino, mas que, com o passar do tempo, torna-se um martírio para todos, pois os corpos continuam a envelhecer e a adoecer. Com isso, surgem diversos problemas para o funcionamento da sociedade capitalista, que se vê diante de mais adultos improdutivos que necessitam de cuidados e de menos adultos saudáveis para produzir e consumir, já que boa parte deles gasta seu tempo tratando dos velhos e doentes, que teimam em não morrer.

A greve da morte, porém, acontece apenas neste país desconhecido, sendo possível, portanto, morrer, ao cruzar suas fronteiras. Ao confrontar sua nova existência destinada ao estado de ser moribundo eternamente, uma vida “morta”, por assim dizer, e percebendo a possibilidade de escolher a morte em detrimento a esta nova vida de sofrimento e angústia, muitas personagens escolhem partir para as fronteiras. Nesse momento, surge a *maphia* para realizar o “serviço sujo” (já que a moral social do país narrado execrava aqueles que optavam por tal destino, e muitos não queriam ser malvistas pela sociedade), deslocando aqueles que desejavam cruzar as fronteiras mediante pagamento em dinheiro.

A estrutura do enredo pode ser destacada em três partes principais: na primeira, a morte se ausenta, as pessoas ficam sem morrer durante sete meses, nos quais o caos se instala no país; na segunda, a morte reaparece, envia cartas cor violeta para as pessoas, avisando-as de que, uma semana após o recebimento do envelope, suas vidas se extinguiriam; e, na terceira, a morte se personifica em mulher com o objetivo de entregar pessoalmente uma determinada carta que sempre retorna para o remetente, endereçada a um violoncelista, despertando, deste modo, sua curiosidade a respeito deste extravio.

Dessa maneira, nosso trabalho analisa como as personagens lidam com a ausência da morte, demonstrando como as instâncias de poder (representadas na obra pelo capitalismo e a religião) reorganizam suas forças para manter o controle sobre as pessoas, seja alimentando o pavor que elas sentem da morte, como o discurso de morte adiada proferido pela igreja, seja pela alienação ideológica, como o alastramento de sentimento patriótico representado pela exposição da bandeira nacional do país nas residências, mera ilusão da população que se vê como “vencedora” diante da morte. Com o intuito de discutir este medo, procuramos refletir sobre os diversos discursos que moldam esta angústia diante da morte e, desta maneira, inspirar o rompimento do sentimento de estranheza com o ato de morrer, que é utilizado como forma de domínio destas instâncias sobre o ser humano.

Para examinar a questão proposta, fundamentamo-nos no debate sobre o controle do discurso em Foucault, a fim de percebermos como “[..] não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (2012, p.9). Outro nome importante é Ariès (2012), autor que traça um percurso histórico que descreve a constante mudança no tratamento dado à morte no passar dos séculos no Ocidente. Adicionamos, a este exame, teorias filosóficas de Epicuro (2016)², Platão (2016)³ e Wolff (2007), que discutem sobre o caminho da felicidade encarando a morte de forma natural, sobre a imortalidade da alma e sobre o medo da morte, respectivamente.

DA NATURALIDADE AO PAVOR DIANTE DA MORTE

A única certeza que temos desde o nascimento é o fato de que um dia iremos morrer. A efemeridade da vida é irrefutável, e o tempo inexoravelmente segue a possuir, a cada segundo, um instante a mais do que ainda temos dela. O comportamento do ser humano diante da perspectiva de tal finitude, como aborda Ariès (2012), vem se transformando no decorrer da História, do contato natural com

² Filósofo grego (341-270 a.C.) criador do Epicurismo, vertente filosófica que pregava a paz de espírito e a felicidade como objetivos de vida, alcançando-os através do equilíbrio e da busca de raízes como a virtude e a justiça.

³ Filósofo grego (c.427-347 a.C.) e discípulo de Sócrates, que compilou as ideias de seu mentor em diálogos que, posteriormente, deixariam um legado incomparável para o desenvolvimento de toda a filosofia ocidental.

a morte para um completo distanciamento, tornando-a algo estranho à nossa existência e causando pavor à medida que nos aproximamos dela.

Ariès (2012) observa que, por volta do século XII, os cavaleiros retratados nos romances medievais encaravam a morte com naturalidade, até como algo sublime. No Renascimento, tal concepção começa a sofrer mudanças e o contato com a morte se distancia de uma aceitação natural para o questionamento sobre o pouco tempo que temos na Terra. Ao longo dos séculos, por fim, o moribundo, que antes falecia em seu lar rodeado dos amigos, começou a vivenciar seus últimos momentos de vida cada vez mais distante de seus parentes, delineando um ritual de morte com contornos de dramaticidade que antes inexistiam.

O nosso relacionamento com a morte muda com o passar do tempo, como bem descreve Ariès. Porém, vale ressaltar a crítica de Heck (2015) quanto à generalização do estudo do pesquisador francês, que foca a morte no Ocidente e, deste modo, desconsidera “que existem diferenças de crenças em relação à morte em outros países [...], deixando de lado contribuições que podem gerar contradições nessa generalização, como no caso do México” (p. 20). Portanto, há de se considerar a existência de particularidades no trato com a morte, a depender da cultura de cada região que influencia no modo como as pessoas encaram o viver e o morrer.

A respeito do medo da morte, Wolff considera que é um medo propriamente humano, “aquele que alça a animalidade do homem acima da animalidade” (2007, p.19). A partir do momento em que o homem reflete sobre a morte, este ato eleva-o diante dos demais animais, pois a reflexão sobre a efemeridade de sua própria existência exclui a naturalidade do comportamento (que os demais animais possuem, pois são movidos apenas por um instinto de sobrevivência e não por questionamentos sobre o futuro, se estarão vivos ou mortos ao amanhecer, por exemplo) que haveria, a priori, diante de tal fato.

Sobre o medo em si, o autor observa que “é um sentimento negativo presente causado pela ideia de um sentimento negativo futuro ou potencial” (WOLFF, 2007, p. 20). Deste modo, algumas pessoas suprimem o aqui e agora devido ao receio do que lhes poderá acontecer, após morrerem. Amedrontadas pelo discurso de um possível castigo divino, caso não vivam de acordo com determinados preceitos ditados não só pela instituição religiosa, mas também pela

sociedade como um todo, as pessoas moldam sua percepção e discurso sobre a existência e a morte, ao gosto das instâncias de poder que as regem.

No romance *As intermitências da morte*, a protagonista de Saramago não destoa da configuração física que alimenta o imaginário coletivo: “envolta na melancólica mortalha que é seu uniforme histórico, com o capuz pela cabeça, medita no sucedido enquanto os ossos de seus dedos, ou os seus dedos de ossos, tamborilam sobre o tampo da mesa” (SARAMAGO, 2005, p.138). Portanto, o autor faz uso da imagem “que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo” (2005, p.99) criaram da morte como um ser esquelético envolto num manto negro que terminava por incutir o medo no imaginário coletivo em séculos a fio.

AUSÊNCIA DA MORTE E CAOS

Assim se inicia o livro *As intermitências da morte*: “No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado... [...]” (2005, p.11). A princípio, as pessoas recebem esse fato com receio, que passa a uma euforia causada por um sentimento de superioridade em relação aos homens de épocas anteriores, mas que, no fim, se transforma em desespero diante das consequências que uma vida eterna traz consigo. Surgem, junto a este acontecimento, dois movimentos sociais: um formado por “cidadãos firmemente convencidos de que pela simples acção da vontade será possível vencer a morte [...]” (p.15); e outro que traz a ideia de que “o gozo feliz de uma vida eterna cá na terra, se havia tornado em um bem para todos, como o sol que nasce todos os dias e o ar que respiramos.” (p.15).

A felicidade passa a ser suprimida pelos problemas que a imortalidade traz ao país. A primeira esfera social a sofrer os graves danos é a religiosa e suas instituições eclesiais. O cerne da questão fica evidente em diálogo entre o cardeal e o primeiro-ministro, em que o primeiro questiona o segundo sobre quais atitudes o mesmo providenciará para lidar com a situação: “Sem morte, ouça-me bem, senhor primeiro-ministro, sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja” (p.18). O religioso continua argumentando em favor da posição que percebe o caos gerado pela ausência de morte, a fim de persuadir seu ouvinte sobre

estes problemas, ameaçando perguntar ao rei se ele prefere ver sua mãe agonizante para sempre na cama, “com o imundo corpo a reter-lhe indignamente a alma, ou vê-la, por morrer, triunfadora da morte, na glória eterna e resplandecente dos céus [...]” (p.19).

O livro em perspectiva dialoga com uma questão já antiga. A ideia de imortalidade da alma foi proposta por Sócrates, e mais tarde desenvolvida por seu discípulo, Platão. Na Idade Média, os filósofos medievais retomaram esta ideia usando-a para sustentar a base da ideologia do cristianismo, adicionando os discursos sobre castigo eterno no inferno ou o gozo perpétuo no reino dos céus, a fim de a instituição religiosa supostamente alienar e controlar mais rigidamente seus fiéis. Saramago derrama sua ironia sobre a igreja ao colocá-la como completamente frágil diante da possibilidade de uma vida eterna, pois aquilo que o discurso eclesiástico sustenta como objetivo aos seus fiéis, aquilo a que devem desejar – a vida eterna – é também o que pode destruí-lo, já que esta instituição sobrevive da propaganda deste desejo.

No livro, com a greve da morte, as pessoas começam a frequentar menos as igrejas; o medo do que viria após a morte perde espaço no leque de preocupações dos habitantes; o temor por um possível castigo no fogo infernal se esvai. As instituições eclesiásticas se enfraquecem, e o medo da perda de influência se apodera dos altos comandos religiosos. Tal episódio se relaciona ao que afirma Foucault (2012) sobre o discurso: “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (p.10). Assim, sem a morte para justificar o discurso da subjugação da vida efêmera na terra em favor da vida eterna, considerada a verdadeira, a Igreja tem dificuldades para retomar a validade de seu discurso. Ela sabe que sem uma narrativa potente que traduza a realidade de modo a acomodá-la à antiga estrutura – o medo como recurso de controle das pessoas –, seu poder é enfraquecido.

Dessa maneira, ao ver-se diante da perda iminente de sua influência e poder entre os fiéis, ao perceber que sua autoridade para falar da vida e da morte está em perigo, a Igreja remodela seu discurso e lança uma nova teoria para amenizar esse enfraquecimento, o da morte adiada. O primeiro-ministro indaga o

cardeal sobre qual será a postura da Igreja, caso as pessoas continuem sem morrer e o que dirá o papa sobre a questão, ao que o religioso responde:

[...] Se eu o fosse, perdoe-me deus a estulta vaidade de pensar-me tal, mandaria pôr imediatamente em circulação uma nova tese, a da morte adiada, Sem mais explicações, À igreja nunca se lhe pediu que explicasse fosse o que fosse, a nossa outra especialidade, além da balística, tem sido neutralizar, pela fé, o espírito curioso [...] (SARAMAGO, 2005, p. 20)

Essa é apenas mais uma tentativa dos eclesiásticos para se sustentarem no poder enquanto a morte se ausenta, ou seja, um novo discurso, o de morte adiada, surge com o mesmo objetivo de antes que é manter na Igreja o saber, o poder e o controle sobre as narrativas e os corpos dos indivíduos.

Como propõe Foucault, a produção do discurso na sociedade é “[...] controlada, selecionada, organizada e redistribuída por [...] procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (2012, p. 8). Dessa maneira, diante da nova situação decorrente da ausência da morte, novos discursos são produzidos e manipulados pelas instâncias discursivas legitimadas para que o controle social permaneça nas mesmas mãos.

No romance, a personagem de um filósofo é questionada e opina sobre o fato, afirmando que “as religiões, todas elas, por mais voltas que lhes dermos, não têm outra justificção para existir que não seja a morte, precisam dela como o pão para a boca [...]” (p.36). Com o passar do tempo e a ausência de mortos, outros setores se juntam ao coro da igreja pelo regresso da morte. As funerárias, sem a matéria-prima de seu ofício; as companhias de seguro, que recebem pedidos de cancelamento em massa de seguros de vida já que ninguém morre mais; os lares da terceira idade e os hospitais que ficam superlotados de pacientes, a ponto do colapso, são os novos críticos da situação existente no país.

Dessa maneira, Saramago expõe uma denúncia da moralidade humana e da religião, representados pelo comportamento da Igreja que se preocupa apenas em manter a todo custo sua influência e poder, além de criticar o capitalismo, representado pelas empresas funerárias, companhias de seguro e outras instituições, que visam apenas o lucro, ao buscar alternativas para recuperar a fonte de dinheiro perdida e, se possível, meios para também aumentá-la.

VONTADE DE MORRER

Para Platão, o corpo corrompe a alma com seus desejos, desviando-a do caminho para o conhecimento verdadeiro. Para este filósofo, através da Filosofia, é possível se sobrepor a estes desejos, afirmando que a pessoa,

alcançando a calma das paixões e guiando-se pela razão, sem nunca abandonar, contempla o que é verdadeiro e divino e que paira acima das opiniões, certa de que precisará viver assim a vida toda, para depois da morte, unir-se ao que lhe for aparentado e da mesma natureza, liberta das misérias humanas. (PLATÃO, 2016, p.29)

A greve da morte só se estabelece nos limites do país fictício de Saramago, além dele as pessoas continuam a morrer naturalmente, como já apresentamos. Atravessando as fronteiras, o expirar da vida ocorre instantaneamente, as pessoas que a desejam logo seguem por esse caminho, causando assim desdobramentos tais como o surgimento da *maphia*, uma organização criminosa que transporta as pessoas para as fronteiras clandestinamente em troca de um pagamento substancial. Mais uma vez, o capitalismo, enquanto sistema oportunista, surge numa situação de caos, aproveitando-se dela, para criar formas de exploração econômica.

Porém, o ato da escolha pela morte gera desaprovações:

os meios de comunicação [...] estigmatizavam agora a crueldade e a falta de patriotismo de pessoas aparentemente decentes que nesta circunstância de gravíssima crise nacional tinham deixado cair a máscara hipócrita por trás da qual escondiam o seu verdadeiro carácter [...]. (p.48)

Simbolicamente, o país onde ninguém morre revela as escolhas limitadas das personagens que são direcionadas seja pela Igreja, seja pelo estado, seja pelos outros que as rodeiam e que julgam cada decisão tomada. Contudo, ao transpor as fronteiras, as pessoas passam a decidir sobre a vida conforme à sua vontade (já que fora deste país imaginário ainda se morre), fragilizando, então, as amarras que as prendem a ideias sobre o céu e o inferno, por exemplo. Portanto, escolhendo morrer, as personagens tomam para si o controle de suas vidas em detrimento à falsa moral da sociedade que, constantemente, anseia em possuir todas as mentes e corpos.

Deste modo, não há porque temer a morte, uma vez que jamais existimos concomitantemente com ela, pois, como afirma Epicuro, “quando estamos vivos, é a

morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos” (2016, p.02). Mesmo assim, o filósofo destaca a contrariedade do ser humano diante da finitude, já que “a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida” (p.02). Em *As intermitências da morte*, as pessoas que antes viam a morte como inimiga, agora anseiam e clamam por seu retorno para dar fim ao caos gerado por sua ausência.

REGRESSO E CARTAS VIOLETAS

A greve termina, e a morte retorna ao trabalho. Anuncia o seu retorno através de uma carta cor violeta endereçada ao diretor nacional da televisão, que é lida em rede nacional. Ela, a morte, se pronuncia:

[...] devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver para sempre, isto é, eternamente [...]. (p.99)

A morte reconhece o fracasso de sua decisão, continua na mesma carta sua observação de que

[...] tendo em conta os lamentáveis resultados da experiência, tanto de um ponto de vista moral, isto é, filosófico, como de um ponto de vista pragmático, isto é, social, considerarei que o melhor para as famílias e para a sociedade no seu conjunto, [...] seria vir a público reconhecer o equívoco de que sou responsável [...] (p.99).

Adota assim, uma nova prática de trabalho: envia cartas na cor violeta para as pessoas que, após recebê-las, tornam-se destinadas a morrer em uma semana. A finalidade do aviso é de que elas tenham um tempo para se despedir de seus parentes e amigos próximos, escrever um testamento, pagar os impostos, já que ela, a Morte, julga que o método antigo, o de simplesmente matar sem nenhum aviso, era cruel.

A simbologia da cor violeta, segundo Chevalier e Gheerbrant, remete à temperança. Feita igualmente das cores vermelho e azul, representa o equilíbrio, a lucidez. Os autores observam que a cor violeta, em oposição ao verde, significa “a passagem outonal da vida à morte” (2009, p. 960) e se apresenta numa perspectiva de círculo vital, pois “é compreensível que o violeta seja a cor do segredo: atrás dela realizar-se-á o invisível mistério da reencarnação ou, ao menos, da transformação.” (2009, p. 960). As cartas de cor violeta enviadas pela morte anunciam, além do fim vindouro daqueles que as leem, também uma nova fase na existência das personagens do romance, visto que elas não apenas perdem seu *status* de eternas, transformando-se em mortais novamente, mas, agora, sabem quando irão morrer.

Porém, o que “[...] em teoria parecia uma boa ideia, [...] a prática não tardaria a demonstrar que não o era tanto. [...]” (p.124), pois as pessoas que recebem o envelope se descontrolam, agem em contrário do que a morte deseja: muitas se entregam a orgias de sexo, drogas e álcool, enquanto outras simplesmente esperam o dia da morte chegar, sem nada fazer. Ao tomar conhecimento da data exata de sua morte, a população mergulha na completa agonia: as pessoas entram em conflito direto com os paradoxos da certeza e da incerteza propostos por Wolff (2007), já que

não existe medo [...] sem incerteza: se tivermos a certeza absoluta de um mal futuro, já não se trata mais de medo, mas de desespero. Ora, a ideia de morte tem isso de particular, que é misturar uma certeza absoluta com uma incerteza também absoluta. É totalmente seguro que um dia morrerei, e absolutamente incerto quando [...] (p.21)

Em meio a essa onda de desespero, as igrejas passam a receber novamente os fiéis que buscam conforto espiritual, o estado comemora a volta à normalidade (leia-se regularização das despesas financeiras), as funerárias se estabelecem novamente depois de quase falirem. A ideia de poderem morrer novamente causa nos habitantes grande revolta, já que tinham se acostumado com a condição de serem eternos, não sabendo mais lidar com a finitude novamente. Em geral,

mal informados sobre a natureza profunda da morte, cujo outro nome é fatalidade, os jornais têm-se excedido em furiosos ataques contra ela, acusando-a de impiedosa, cruel, tirana, malvada, sanguinária, vampira, imperatriz do mal, drácula de saias, inimiga do género humano, desleal, assassina, traidora, serial killer outra vez, e houve até um semanário, dos

humorísticos, que, espremendo o mais que pôde o espírito sarcástico dos seus criativos, conseguiu chamar-lhe filha-da-puta (SARAMAGO, 2005, p.126)

Os cidadãos reagem em contrário do que propõe Epicuro ao recomendar que “se deve ter o [...] cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer” (2016, p.02). Não aceitar a morte é ir de encontro ao que é irreversível, causando somente angústia por uma postura covarde diante da vida e da morte. Enquanto Platão propunha que através da filosofia, racionalizando-a nem como ruim ou boa, poderíamos enfrentá-la sem maiores receios, Epicuro recomenda a nos habituarmos com a ideia da morte, pois assim evitaríamos sofrimentos desnecessários. Resumindo o que concerne à postura que devemos ter diante da morte, otimista ou pessimista, Wolff realiza uma profunda reflexão acerca da morte e da vida:

A morte é para a vida “um fator de forma” que dá “colorido a todos os seus conteúdos”. Não é a morte que é a negação repentina da vida, é a vida que é a negação permanente da morte. A morte é, então, aquilo que dá forma interna à vida. Se não fosse o caso, a vida seria absolutamente, inconcebivelmente, outra. Ela não seria vida. (p.34, 2007)

A morte é representada durante boa parte do romance pela imagem de uma caveira envolta em um capuz negro, carregando sua inseparável gadanha. Porém, a morte se depara com um enigma: uma carta volta ao remetente. Descobre que se equivocou com a data de aniversário do destinatário, que acabara de completar aniversário, ou seja, não mais é possível, a priori, que o mesmo receba a carta violeta, escapando da morte momentaneamente. Ela decide, então, entregar pessoalmente a carta, e, para isso, se personifica em uma mulher de carne e osso, a fim de resolver este mistério que a atordoia.

O enigmático destinatário é um violoncelista, um praticante da música “que hoje é a ciência dos acordes depois de ter sido a filha de ares e Afrodite” (SARAMAGO, p. 149), ou seja, tem o poder de encantar as pessoas pela música, a capacidade de espalhar o amor como o Eros da mitologia grega.

EROS E THANATOS

Na mitologia grega, Eros é personificado como o deus do amor, filho de Afrodite, enquanto Thanatos é o deus da morte. Segundo a mitologia, Eros

adormece numa caverna, deixando cair as flechas pelo chão, que são utilizadas para espalhar o amor entre os homens. Ao acordar, recolhe as flechas, porém, misturando-as com as flechas de Thanatos. Termina por disparar flechas de vida e de morte na humanidade e nos deuses. Os gregos usaram tal metáfora para demonstrar que amor e ódio, vida e morte, que os opostos, enfim, fazem parte de nossas vidas.

Philippe Ariès (2012), ao percorrer a história da morte no Ocidente, identifica a constante mudança de percepção sobre a morte e como as pessoas transformaram-na de algo familiar e próximo para algo distante e maldito. O historiador constata que a presença do cadáver, antes intolerável na Idade Média, passa a ser buscada nos séculos seguintes, do XVI ao XVIII. Observa, assim, “uma nova aproximação, em nossa cultura ocidental, entre Thanatos e Eros. Os temas macabros do século XV não apresentavam nenhum traço de erotismo.” (p. 141).

Relacionado à literatura, o autor analisa que durante esta época, “a nova sensibilidade erótica [...] retirou a morte da vida habitual e lhe reconheceu um novo papel no domínio do imaginário” (ARIÈS, 2012, p.145). Este fato, portanto, terminou por distanciar a morte da vida quotidiana, comportamento que não existia nos séculos anteriores.

No século XX, Freud introduz a teoria de pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte (Thanatos): enquanto o primeiro tende a construir, juntar; o segundo tende a demolir, dispersar. Todo organismo vivo, segundo ele, possuiria estes dois processos conjuntamente atuando na sua existência.

Em *As intermitências da morte*, a morte entra em confronto com Eros, representado pela figura de um violoncelista solitário que insiste em não morrer, pois não lhe é possível receber a carta violeta. A morte tem oportunidades de entregar a carta, mas sempre titubeia no momento de clímax. Aos poucos, na figura de mulher que se tornara, vai se afeiçoando ao músico e, assim, acabam por se relacionar. Enquanto ele dorme na cama,

[...] ela, a morte, levantou-se, abriu a bolsa que tinha deixado na sala e retirou a carta de cor violeta. Olhou em redor como se estivesse à procura de um lugar onde a pudesse deixar, sobre o piano, metida entre as cordas do violoncelo, ou então no próprio quarto, debaixo da almofada em que a cabeça do homem descansava. Não o fez. Saiu para a cozinha, acendeu um fósforo [...] (p.207)

A morte, por fim, volta à cama, “e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela, que nunca dormia, sentiu que o sono lhe fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu.” (p. 207), e, deste modo, termina o livro.

Na mitologia grega, Eros adormece enquanto Thanatos se mantém imune. Porém, na obra de Saramago, o inverso acontece e é a morte quem sucumbe diante de Eros. Assim como no começo, no fim da narrativa, também temos a ausência da morte. O livro, então, inicia e termina com a mesma sentença, “no dia seguinte ninguém morreu”, indicando um movimento circular, símbolo do renascimento. A vida prevalece diante da morte. O amor e a arte triunfam, ainda que provisoriamente.

PALAVRAS FINAIS

O romance *As intermitências da morte* (2005), de José Saramago, transporta o leitor para um mundo em que a morte se ausenta e o defronta com as consequências que tal acontecimento suscita na vida das personagens. Através da leitura de Ariès (2012), percebemos como o contato com a morte no Ocidente se transforma no decorrer dos séculos, indo da naturalidade ao lidar com o morrer para um distanciamento que resulta em um sentimento de pavor diante da proximidade do fim da vida. Saramago administra com maestria este sentimento negativo em relação à morte durante o romance, na medida em que aplica a ironia do acontecimento: a população do país em que ninguém morre, que antes colocava a morte como inimiga da vida, no desenrolar do caos que se instala, termina por ansiar e desejar o retorno da morte.

Com o suporte filosófico de Epicuro (2016), Platão (2016) e Wolff (2007), observamos a contribuição que a Filosofia empresta ao comportamento em relação à morte, pois racionalizando-a podemos encará-la nem como boa ou má, mas somente como uma etapa natural de nossa existência. As personagens de *As intermitências da morte* agem em contrário a este pensamento, alçando a morte sempre a um status de inimiga do gênero humano, ocasionando, portanto, sofrimento e angústia ao se depararem com o momento final, o que se evidencia no

modo como lidam ao receber a temida carta cor de violeta enviada pela própria morte.

Em meio ao caos que se instala no país, as instâncias de poder (representadas no romance pela religião e pelo capitalismo) tentam a todo custo manter sua influência e controle sobre o povo, assim como aumentar os lucros com a nova situação. Os discursos, como propõe Foucault (2012), são constantemente controlados para, deste modo, conjurar seus poderes e não permitir que se tornem aleatórios e descontrolados. O discurso de castigo pós-vida utilizado pela instituição religiosa perde completamente seu poder no romance, pois ninguém morre e, assim, a necessidade de temer este possível castigo se esvai.

Porém, o discurso, enquanto ferramenta de domínio sobre os sujeitos, é controlado por diversos mecanismos internos e externos, como afirma Foucault. Nada é dito por acaso e torna-se possível a remodelagem de determinado discurso, para que ele ganhe nova legitimidade e seja proferido pelas mesmas pessoas autorizadas. Desse modo, a instituição religiosa no romance, a fim de manter o poder e a influência em meio à ausência da morte e, conseqüentemente, do fim da ideia de ressurreição, lança um novo discurso – o de morte adiada –, conservando o controle ideológico sobre toda a população.

Concluindo, *As intermitências da morte* ocupa um lugar singular no conjunto da obra de Saramago, que, apesar de tratar do tema da morte com sua característica escrita ácida e irônica, recebeu críticas polarizadas em seu lançamento. Como constata Heck (2015), o escritor português “[...] procurou fugir de uma crítica explícita e totalmente direcionada à religião [...]” (p.16), ou “[...] não atacou tão fortemente o ser humano e seu comportamento alienado diante da sociedade [...]” (p.16). Ao contrário de obras mais impactantes como *O evangelho segundo Jesus Cristo*, *Caim* e *Ensaio sobre a cegueira*, em *As intermitências da morte*, Saramago é mais sutil em sua denúncia, o que não diminui a contundente crítica da moralidade humana, bem como da religião e do capitalismo.

BETWEEN THE BRIEF IMMORTALITY AND THE DYING EXISTENCE: A
READING ON *THE FLASHES OF THE DEATH* BY JOSÉ SARAMAGO

ABSTRACT

The Death, through various representations, has always been present in the historical course of Humanity, thus involving a framework of philosophical, religious and scientific ideas on the subject. The objective of this article is to analyze the fear of death and the behavior that the characters adopt in the absence of the novel, and in this way, through the analysis of the book "The Flashes of Death" by José Saramago (2005) to analyze how the discourses of the authorities of power act to control the population using this dread before death. As for the theoretical basis, to discuss death and the power of discourse, the work is based on Epicurus (2016), Plato (2016), Wolff (2007), Ariès (2012) and Foucault (2012). At the end of the analysis, one can see how institutions use the discourse on death to alienate people and subjugate them ideologically to their control.

Keywords: Fear; Death; Philosophy; José Saramago.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade.** Disponível em: <https://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/epicuro1_1.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HECK, Diana M. **O jogo do simbólico e imaginário da morte e seus significados em As Intermitências da Morte, de José Saramago.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

LOPES, João Marques. **Saramago: Biografia.** São Paulo: Leya, 2010.

PATRICK, Julian; SUTHERLAND, John. **501 grandes escritores**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

PLATÃO. **Fédon**: a imortalidade da alma. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=2261>. Acesso em: 22 mai. 2016.

RODRIGUES, Samara Megume. **Eros e Tântatos**: nossas porções de vida e morte. Disponível em: <<http://www.rodadepsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-e.html>>. Acesso em: 22 mai. 2016.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TRINDADE, Alessandra Accorsi. Percorrendo os caminhos da morte rumo à personificação em as intermitências da morte e o triunfo da morte. Porto Alegre, 2012. 193p. **Tese** (Doutorado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte?. In: NOVAES, Adauto. (org.) **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2007. pp. 17-38.